



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Centro Ambulatorial de Reabilitação Infantil da nova unidade da Rede Sarah

Belém-PA, 06 de dezembro de 2007

Bem, eu vou pedir licença aos companheiros para não precisar falar o nome de todo mundo aqui porque já foi falado, e quando a gente repete o nome das pessoas muitas vezes é capaz de alguém querer ser candidato a vereador aqui. Então, deixa eu ser tão sucinto quanto foi o Aloysio. O Aloysio vai viver muito porque ele fala pouco.

Olhem, para mim, inaugurar uma unidade da Rede Sarah, Lucinha e Aloysio, já virou uma coisa prazerosa que eu tenho na vida. Esses dias, nós tivemos no Brasil os Jogos Parapan-Americanos, onde a gente pôde perceber que pessoas que há 10 anos eram tratadas como coitadas, deficientes físicas, deram um banho de bola e ganharam o maior número de medalhas que o Brasil já ganhou, em várias atividades esportivas. Numa demonstração que vem confirmar uma coisa que nós estamos dizendo há alguns anos: o que o ser humano precisa, na verdade, é de oportunidade de exercitar a sua inteligência e o seu esforço físico, tal como ele pode.

Houve um tempo, no Brasil, em que falar no Sarah significava falar numa rede de tratamento caro. As pessoas diziam: “Mas não pode. O Sarah não pode, não pode fazer porque custa caro. Imagine se a gente tiver um Sarah em cada estado, vai custar caro”. Na verdade, eu acho que o Sarah custa menos caro se a gente for olhar a qualidade do serviço que o Sarah oferece às pessoas que por aqui passam.

Certamente que é caro se você analisar o tratamento que o povo brasileiro recebe na maioria dos hospitais hoje, neste País. Normalmente, os hospitais são feitos a baixo custo e, muitas vezes, não são de qualidade



excepcional, e o tratamento é o tratamento que todo mundo aqui conhece. Quando a gente vê uma unidade destas, primeiro, a gente já sofre um impacto pela arquitetura. Não tem jeito de hospital, parece mais um centro de lazer do que um hospital.

A segunda coisa que eu acho extremamente positiva no comportamento e na prática do Sarah é que no fundo, no fundo, quem cuida da pessoa que precisa de tratamento não é o médico, são os familiares. O médico, na verdade, orienta. O médico, na verdade, faz o diagnóstico e, a partir do diagnóstico, ele orienta. E orienta no sentido de fazer com que as pessoas descubram, em função do potencial que têm, quais são os passos que elas podem dar a cada momento. Ninguém precisa ficar sofrendo numa máquina, ninguém precisa fazer as coisas na marra. As pessoas fazem as coisas no momento em que estão dispostas a fazer.

A Rede Sarah é o primeiro hospital em que eu vejo as pessoas se tratarem dançando; segundo, as pessoas se tratarem nadando; terceiro, as pessoas se tratarem brincando e, quarto, o pai e a mãe se educando e aprendendo a gostar, cada vez mais, do problema que seu filho tem. Se a pessoa não está preparada, do ponto de vista psicológico, para receber uma criança com algum problema, a pessoa passa quase a segregar aquela criança: “Eu não posso fazer porque meu filho tem que ficar na cama. Eu não posso ir a uma festa porque meu filho tem que ficar não sei onde. Eu não posso...” Então, o comportamento inadequado termina fazendo com que uma coisa que pode ser tratada com muita rapidez – e o ensinamento da convivência com esse problema poderia ser uma solução – termine sendo um problema, ou seja, a criança está confinada. Nós já tínhamos feito isso – o Aloysio e a Lúcia sabem – na questão das pessoas com problema de deficiência mental, no Brasil. Houve um tempo em que, no Brasil, aparecia uma pessoa com problema de doença mental e a primeira coisa que se fazia era internar em uma clínica. Como o paciente chegava nervoso, metia logo uma



injeção “sossega leão”, internava, colocava em uma cela e, a partir dali, a pessoa nunca mais se recuperava, até ser abandonada pela família.

Vocês vão perceber que nós estamos inaugurando hoje, mas já está funcionando desde o dia 19 do mês passado, e eu já conversei com algumas mulheres que já estão fazendo tratamento nos seus filhos aqui. O que vai acontecer, de concreto, é que o pai e a mãe que antes eram obrigados a levar o filho a um hospital e deixar a criança, às vezes, um dia lá, com gente desconhecida, com gente que não a tratava com carinho, chegam aqui na Rede Sarah e, primeiro, não vai encontrar um médico e uma enfermeira, vão encontrar um amigo, vão encontrar um companheiro. Segundo, daqui a pouco quem estará brincando com a criança não será mais um médico ou uma enfermeira, quem estará brincando serão o pai e a mãe, que fazem melhor do que qualquer médico ou qualquer enfermeira o tratamento carinhoso que o seu filho tem que receber.

Por isso, eu queria dizer para vocês que, se nós fôssemos analisar o custo/benefício, talvez a Rede Sarah seja mais barata do que muitos hospitais que parecem baratos, mas que são caros porque, embora utilizem pouco dinheiro, não dão o tratamento adequado que os pacientes precisam ter. Então, Aloysio, eu acho que hoje nós estamos tendo consciência de que isso aqui não é um tratamento privilegiado. Houve um tempo em que um hospital como este no Brasil era coisa para rico, aquele que pudesse pagar, e pagar caro, tinha quarto para se internar. Aqui não precisa de quarto, não é, Aloysio? As pessoas vêm com a família, fazem o tratamento e voltam para casa. É, possivelmente, 50% da cura dos pacientes que procuram a Rede Sarah.

Então, eu queria dizer para vocês que é uma alegria para mim. A mim, nunca importou saber aquela bobagem que, de vez em quando, começa: “o presidente Lula não acabou a Rede Sarah, porque quem fez foi não sei quem”... A mim, o que importa é o seguinte: independentemente de qualquer polêmica, as crianças de até 16 anos, aqui do Pará, agora vão ser tratadas



com decência, com dignidade e com respeito. E se alguém merece elogios aqui, a gente poderia pegar o Aloysio e a Lúcia e bater todas as palmas que a gente pudesse bater, até cansar e, ainda assim, a gente não pagaria pelo trabalho extraordinário que eles fazem na Rede Sarah. Eu, Aloysio, trabalho com a idéia de que não vai demorar muito e nós vamos ter a Rede Sarah na maioria dos estados brasileiros, para que o povo aprenda a gostar de ser tratado com respeito, de forma adequada e com tratamento de primeira categoria porque no Brasil, habitualmente, tudo para o pobre é de segunda categoria. E eu acho que, em se tratando de saúde pública, todo mundo merece ser tratado como cidadão de primeira classe.

Parabéns ao prefeito, à governadora e aos funcionários da Rede Sarah.
Um abraço.